

“PERSPECTIVAS DO ENSINO DE CIÊNCIAS NA VISÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL”

Letícia Mayara da Silva Carvalho, Beatriz Maria Rodrigues, Heloísa Oliveira Bernardo da Silva, Jéssica Kelly Ferreira da Silva, Viviane Lúcia dos Santos Almeida de Melo

Universidade de Pernambuco - UPE, Campus Mata Norte. lemayarasc@gmail.com.

Introdução

É perceptível que a forma do ensino não acontece como há cinco décadas, e, conseqüentemente, as perspectivas por parte do docente também não são as mesmas; para isso, devemos considerar que a missão da escola mudou, pois antes era apenas reprodutora do conhecimento e agora passou a entender que cada pessoa é única tendo seu próprio grau de desenvolvimento. De acordo com Moraes (1996), a educação passou a focar o indivíduo, aquele sujeito original, singular, diferente e único, dotado de inteligências múltiplas, que possui diferentes estilos de aprendizagem e, conseqüentemente, diferentes habilidades de resolver problemas.

Sabe-se que o professor, através de sua concepção sobre as contribuições do ensino de ciências, poderá influenciar diretamente na visão do aluno como indivíduo crítico, curioso, e atento aos fenômenos que o rodeia. Freire (1996) ressalta o quanto um determinado gesto do educador pode repercutir na vida de um aluno (afetividade e postura) e da necessidade de reflexão sobre o assunto, pois segundo ele ensinar exige respeito aos saberes do educando. A construção de um conhecimento em parceria com o educando depende da relevância que o educador dá ao contexto social.

Segundo a Academia Brasileira de Ciências (2008), o ensino adequado de ciências estimula o raciocínio lógico e a curiosidade, ajuda a formar cidadãos mais aptos a enfrentar os desafios da sociedade contemporânea e fortalece a democracia, dando à população em geral melhores condições para participar dos debates cada vez mais sofisticados sobre temas científicos que afetam nosso cotidiano

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo avaliar as perspectivas que o professor apresenta sobre o ensino de ciências em nossa sociedade, nos tempos atuais, sendo apresentados os resultados parciais da pesquisa, que segue em andamento.

Metodologia

As perspectivas da docente foram obtidas através de um questionário com perguntas relacionadas a sua profissão. Além das respostas verbais, foram observadas as emoções emboçadas durante suas respostas.

Esse questionário foi composto por cinco perguntas, sendo elas: 1) Gosta de sua profissão?; 2) No processo de ensino e aprendizagem, o (a) senhor (a) se baseia em alguma teoria?; 3) Segundo Paulo Freire (1996), ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. De acordo com essa afirmação, o (a) senhor (a) reflete sobre sua prática em sala de aula?; 4) Quais suas percepções sobre o ensino de ciências; 5) Em suas aulas, o conhecimento prévio dos alunos é levado em consideração?

O questionário foi inicialmente aplicado no dia 05 de junho de 2018, em uma escola municipal do município de Carpina - PE, com uma docente formada em Ciências Biológicas e que leciona a disciplina de Ciências nas turmas do ensino fundamental II.

Resultados e Discussão

Em seu relato nas respostas ao questionário, a docente falou que gosta de sua profissão; porém, foi observada uma falta de motivação em sua resposta, levando a crer que a autodesvalorização profissional está presente em sua jornada nas salas de aulas.

Foi, também, observado que o relacionamento entre professor e aluno que a docente apresenta é de que apenas o docente detém todo saber, mostrando um posicionamento acima de seus discentes, sem parecer estabelecer um ambiente agradável para que a aprendizagem ocorra satisfatoriamente. Segundo Kubata et al. (2010), o que acontece atualmente na educação, na relação professor-aluno, é preocupante ao pensarmos que a educação estruturada é indispensável para o indivíduo. Mas a decorrência de confrontos entre educador e estudante acaba abalando essa estrutura, que resulta em professores insatisfeitos e alunos com precários conhecimentos sobre diversas disciplinas. Lopes (2009) argumenta que, na escola, pode-se dizer que a interação professor-aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem. Por essa razão, justifica-se a existência de tantos trabalhos e pesquisas na área da educação dentro dessa temática, os quais procuram destacar a interação social e o papel do professor mediador, como requisitos básicos para qualquer prática educativa eficiente.

O conhecimento prévio dos alunos foi um dos pontos que a professora disse valorizar em sala de aula; porém, a mesma relatou repreender perguntas sobre ciclo menstrual, ato sexual, camisinha, hormônios etc., ressaltando que esse tipo de conhecimento ou dúvida a família deverá trabalhar em casa. Klein e Medina (2015) ressaltam que o conhecimento prévio auxilia na organização, incorporação, compreensão e fixação das novas informações, desempenhando assim, uma “ancoragem” com os subsunçores, já existentes na estrutura cognitiva. Sendo assim, novos conceitos podem ser aprendidos à medida que haja outros conceitos relevantes, adequadamente claro e disponível na estrutura cognitiva do indivíduo, estes conceitos relevantes funcionarão como pontos de ancoragem para os novos conceitos

A visão inatista foi bastante observada em seu discurso, sempre se referindo aos alunos como serem passivos, acabados e prontos, não modificando seu comportamento (aprendizagem), assim caracterizando-os como seres alienados.

Segundo Witham (2008), o professor deve, em primeiro lugar, gostar e acreditar naquilo que faz, ou seja, através de seus atos e ações ele servirá de modelo para seus alunos; se ele ensina a refletir ele deve também refletir, se ele ensina a respeitar o próximo ele deve respeitar seus alunos e assim por diante. Deste modo, ele está sendo uma prova viva daquilo que está ensinando, pois bem a sua frente existem seres humanos que estão sendo moldados por ele.

Paulo Freire (1996) enfatiza que: “Não se pode falar de educação sem amor” ou seja, o sentimento de união que o amor traz é um artifício essencial para um bom relacionamento em sala de aula, além de facilitar a forma que o aluno irá se apropriar do assunto. Desta forma, percebe-se que, se a docente estabelecer uma relação de autoridade, os alunos passarão a ter medo de questionar, opinar e apresentar suas ideias.

O fato da docente não aceitar conhecimentos sobre sexualidade, ou não esclarecer dúvidas sobre tal assunto, demonstra que a contribuição da ciência não é valorizada. O assunto sexualidade é bastante problematizado, sendo que alguns professores o tratam em relação ao ato sexual em si, não enxergando como o assunto é amplo, podendo ajudar aos alunos nos cuidados mais simples ao seu corpo e respeito ao corpo de outra pessoa. Freire (1996) relata, ainda, a necessidade do respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola, visto ser ele um sujeito social e histórico, e da compreensão de que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas. Este autor define essa

postura como ética e defende a ideia de que o educador deve buscar essa ética, a qual chama de ética universal do ser humano, essencial para o trabalho docente.

Segundo o filósofo Sócrates, “quem não pensa é pensador por outros”. A educação bancária que Paulo Freire trata em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996) foi constatada na presente pesquisa, uma vez que a docente entrevistada parece refletir um posicionamento de muitos outros professores, que se prendem a “passar” o conteúdo, não respeitando o grau de desenvolvimento da sala. Segundo o cientista Piaget, “cada indivíduo tem seu grau de desenvolvimento”; no entanto, muitas vezes, um professor obcecado em terminar seu plano de aula não se atenta em observar isso, apenas fazendo depósito de conhecimentos prontos e acabados, impossibilitando de incentivar o aluno a pensar.

Freire diz que ensinar exige o conhecimento de ser condicionado, ser condicionado implica saber meu lugar neste vasto mundo no qual estou inserido. Segundo Moraes (1996), uma ciência do passado produz uma escola morta, dissociada da realidade, do mundo e da vida. Uma educação sem vida produz seres incompetentes, incapazes de pensar, construir e reconstruir conhecimento. Uma escola morta, voltada para educação do passado, produz indivíduos incapazes de se autoconhecerem, como fonte criadora e gestora de sua própria vida, como autores de sua própria história.

Segundo Kubata et al. (2010), a carreira de um professor engloba uma gama de deveres a serem cumpridos, sendo necessário, então, que o mesmo perceba a importância de se preocupar com a qualidade de sua docência. Para que isso aconteça, o professor deve se auto avaliar em todos os dias de seu trabalho, tendo em vista o controle e o conhecimento sobre sua missão, suas características e sua didática.

A nova missão da escola se trata de uma educação libertadora, uma vez que “o verdadeiro objetivo da Educação não é meramente prover informação, mas o estímulo de uma consciência interna” (Al- Ghazali).

Conclusões

Mesmo com a missão da escola mudada, infelizmente são encontrados professores que fazem uso da antiga missão escolar que é reproduzir conhecimentos. A perspectiva do ensino de ciências percebida a partir da postura da docente que participou da pesquisa é de que a educação serve para depositar, nos alunos, traumas, medos, limitações, conhecimentos prontos. A professora, de forma inata, trata os alunos como seres limitados, e não os respeitam como seres que compõem a sociedade. Os docentes devem atentar ao fato de que quando se direcionam para o trabalho devem estar dispostos a encontrar seres inacabados, mas também “condicionados”. Tendo esta perspectiva sobre o ensino de ciências, é gerada a incerteza de como será a futura geração, tendo como base esse tipo de ensinamento engessado.

Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. O Ensino de Ciências e a Educação Básica: propostas para superar a crise. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2007, 46p.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra, 1996.
- KUBATA, L.; FRÓES, R.C.; FONTANEZI, R.M.M.; BERNABÉ, F.H.L. A Postura do Professor em Sala de Aula: atitudes que promovem bons comportamentos e alto rendimento educacional. **Revista Eletrônica de Letras**. Franca, v. 1, n. 3, p. 1-26, jan./dez. 2010.
- LOPES, R. A relação professor aluno e o processo de ensino aprendizagem. Paraná, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

MEDINA, L.S.; KLEIN, T.A.S. Análise dos Conhecimentos Prévios dos Alunos do Ensino Fundamental Sobre o Tema “microorganismos”. Anais da XVI Semana da Educação, VI Simpósio de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, ano16, p. 49, 2015.

MORAES, M. C, Paradigma Educacional Emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. **Em aberto**. Brasília, ano 16, n.70, p. 57-69, abr./jun. 1996.

WALTER. Pedagogia da Autonomia - Resenha. Disponível em: <http://pedagogia.tripod.com/pedagogia_da_autonomia_resenha.htm> Acesso em: 20 jun. 2018.

WITHAM, A. O papel do professor. Disponível em < <https://eduq.wordpress.com/o-papel-do-professor/>> acesso em 20/junho/2018;